

Introdução às Abordagens Fenomenológica e Existencial em Psicopatologia (I): A Psicopatologia Fenomenológica

JOSÉ A. CARVALHO TEIXEIRA (*)

1. INTRODUÇÃO

Em Psicopatologia existem várias abordagens fenomenológicas e existenciais. Como refere Jonckheere (1989), do encontro entre Fenomenologia, Existencialismo e Psicopatologia resultou um amplo movimento de ideias e de reflexão, intervenção e investigação. Em linhas gerais é possível partir da psicopatologia fenomenológica – que, retirando as suas categorias da psicopatologia descritiva, se centra nas vivências e nos dados imediatos da consciência – até às abordagens existenciais que, para além de investigarem a qualidade existencial dos diversos estados psicopatológicos, tentam elucidar as preocupações básicas do Homem na sua confrontação dialéctica com a realidade (Carvalho Teixeira, 1989, 1991). Mais particularmente, é possível identificar uma trajectória de variantes que vai da fenomenologia descritiva dos dados imediatos da consciência de Karl Jaspers e Mayer-Gross até à fenomenologia categorial de Binswanger e R. Kuhn, passando pela fenomenologia genético-estrutural à maneira de Minkowski, von Gebattel e E. Straus, entre outros. Da mesma forma, mas já no plano de preocupações claramente existenciais, há uma diferença

que vai da Análise Existencial à Daseinanalyse de Binswanger e Boss passando, por exemplo, pela Logoterapia de V. Frankl e pela Terapia Centrada no Cliente de C. Rogers. Em suma: *o pensamento fenomenológico/existencial não aparece com homogeneidade tal como, de resto, acontece com as correntes filosóficas inspiradoras*. Será que, apesar disso, existem pontos de encontro?

Este questionamento é tão pertinente como aquele que, ao falar-se de filosofias fenomenológicas e existenciais, conduziu ao conceito de estilo fenomenológico comum (Lyotard, 1964), entendido como uma convergência em pontos essenciais. *Será que no encontro entre Fenomenologia/Existencialismo, Psicopatologia e Psicologia também é possível identificar invariantes?* A resposta a esta interrogação é afirmativa. Não só a Fenomenologia e o Existencialismo determinaram uma diferença significativa em Psicopatologia e Psicologia (Spiegelberg, 1972) como também se torna possível delimitar, no seio das suas abordagens alguns pontos de convergência fundamentais (Jonckheere, 1989; Yalom, 1984). A nosso ver, estes pontos de convergência surgem como invariantes nas aparições das diversas orientações. No essencial são: uma certa concepção do Homem, o método fenomenológico, o estilo existencial e a ética de liberdade.

(*) Psiquiatra. Assistente, ISPA. Coordenador do Grupo de Estudos de Psicologia e Psicopatologia Fenomenológicas e Existenciais.

Uma certa *concepção do Homem* que emana no cuidado posto na consideração das suas capacidades e potencialidades, dimensões habitualmente não desenvolvidas suficientemente nem de forma significativa por outras correntes de pensamento. Entre elas contam-se o amor, a criatividade, a realização de si, o ser e o vir-a-ser, a espontaneidade e a responsabilidade (no sentido existencial). Enfim, tem-se em conta que o ser do Homem se define num contexto humano, que o cuidado posto por ele na sua existência é uma experiência imediata que resulta da descoberta de si mesmo ao lidar com o mundo que está já-aí. Isto quer dizer que a experiência interpessoal – em rigor, a experiência intersubjectiva – não pode nunca ser ignorada.

Por outro lado, o Homem é consciente, capaz de fazer escolhas e intencional. O Homem é consciente de si mesmo, de forma contínua e a diversos níveis. Não é passivo face à existência. Pelo contrário, o Homem é essencialmente livre, no sentido de ser capaz de fazer escolhas e de tomar decisões, das quais resulta o significado da sua existência. Sendo capaz de escolhas, faz-se a si próprio. Descobre-se como fonte ilimitada de possibilidades e é ele quem cria a sua própria existência. O Homem constrói o mundo onde se desenrola a sua existência e fá-lo de forma significativa. Dá um sentido à sua existência, do qual pode resultar um viver de acordo com os seus valores mais profundos no seu comprometimento familiar, profissional e comunitário. Sujeito pessoal e intersubjectivo, é ele quem opera o comprometimento e o realizador de todas as estruturas relacionais. Dirige-se para o futuro e arrisca-se (Guimarães Lopes, 1982), acredita em valores e procura o sentido da sua presença no mundo. Implica-se de forma significativa no seu projecto existencial, de tal maneira que ser-Homem envolve a espacialidade e a temporalidade, a corporalidade, o ser-com-os-outros num mundo comum, ter uma relação *ao* mundo que é temporal, implicando memória e historicidade. Mas é, também, ser-para-a-morte que só se pode compreender sobre o fundo da finitude – a temporalidade e a morte –, pelo que se preocupa a angústia. Mas, ao mesmo tempo, a angústia existencial empurra-o a viver pondo cuidado na sua existência. Esta fragilidade do ser

(ou impossibilidade de possibilidades posteriores) que significa a inevitabilidade da sua própria morte, acaba por ser aquilo que pode permitir viver a vida de modo autêntico, porque a existência não pode ser adiada. Enfrentando-se com a inevitabilidade da sua própria morte, o Homem é capaz de superação pela liberdade, a liberdade que salva a distância entre ser e não-ser e da qual emana, como consequência, a responsabilidade existencial e o compromisso com os outros, que consubstanciam uma liberdade situada.

O *método* é o fenomenológico, que permite aceder directamente aos fenómenos tal como aparecem à consciência, tornando inteligível tudo o que está marcado pela subjectividade. O seu objectivo último é o de permitir ao Homem-perturbado *compreender-se*, isto é, re-situar-se em relação aos seus próprios comportamentos e pôr em evidência, em cada um deles, a intencionalidade com que os orienta e subentende, embora tenha sido sucessivamente aplicado à *essência* e à *existência*. O conceito de intencionalidade remete para a procura de significação perante dada situação, estruturando o comportamento, na base dum processo pessoal de significância (Guimarães Lopes, 1993). O desenvolvimento da aplicação do método fenomenológico ao campo psicopatológico foi sobretudo representado pela compreensão fenomenológica das vivências de K. Jaspers, pela fenomenologia genético-estrutural de E. Minkowski e von Gebattel e pela Daseinanalyse de L. Binswanger.

Como método qualitativo de investigação, o método fenomenológico utiliza uma aproximação *holística* que envolve uma *análise indutiva* de carácter naturalista (Ionescu, 1992). A *aproximação holística* corresponde à tentativa de compreensão global dos fenómenos, sem qualquer limitação quanto ao número de aspectos a avaliar e por intermédio de estudo pormenorizado de casos individuais. O *carácter naturalista* relaciona-se com o facto de tentar compreender os fenómenos tal como aparecem. Segundo Bachelor e Joshi (1986), o método fenomenológico exige, em primeiro lugar, uma descrição cuidada e sistemática daquilo que é percebido na

experiência vivida e, em segundo lugar, procura identificar e elucidar o seu significado essencial. A finalidade é o estudo dos significados e estruturas dos fenómenos na sua dimensão eidética, isto é, em função da sua natureza fundamental e dos seus constituintes essenciais.

O *estilo* é o existencial, enquanto modo de conceptualizar o encontro com o paciente, que é, antes de mais, um encontro entre dois Homens à maneira humana, isto é, encontro enquanto tal. Presença comum e sentida que poderá permitir uma aliança entre dois destinos. Que promove uma escuta acreditante que só se realiza quando o outro se sente plenamente ouvido e quando promove mudança.

O significado essencial do encontro é o *estar-com*, que implica a presença (de estar-por-si), a reciprocidade (enquanto troca ou estar-para-o-outro), o cuidado (no acolhimento do outro) e, ainda, um laço emocional entre um *Eu* e um *Tu* que criam um *Nós*, numa reciprocidade activa. Tal como refere Not (1986), «cada um é um Eu e o outro um Tu ao qual se dirige, o que faz de cada um, ao mesmo tempo, um Eu (que se dirige ao outro) e um Tu (ao qual outro se dirige).» Emerge um *Nós* que, não representando qualquer ameaça à identidade e à autonomia de cada um, alcança precedência. Assim, o fenómeno do *encontro* tem como características essenciais (Tellenbach, 1992): a coerência, enquanto reciprocidade ou comportamento mútuo de correlação; carácter fortuito, por chegar ao instante e de forma imprevisível; a liberdade de deixar o outro ser como é; e, ainda, o face-a-face, porque o encontro acontece no olhar.

Finalmente, a *ética* é a de uma exigência de liberdade, de liberdade de ser o autor do seu próprio destino, pondo cuidado na sua existência. Acentua o predomínio do indivíduo, perturbado ou não, contra tudo o que totaliza, tematiza ou reprime, superando a facticidade (história) para se transcender, abrindo-se a outras possibilidades de ser e de vir-a-ser.

Em termos genéricos, poder-se-ia afirmar que o objecto é a *Pessoa*, entendida como centro da sua própria valorização e da sua própria escolha, que se pode especializar individuando-se, socializando-se e subjectivando-se, num processo

unificado de personalização quando a história se converte *na sua própria* história. Nela cabem a consciência (de ser intencional), a razão, a autonomia, a abertura, a liberdade, a responsabilidade existencial e o compromisso com os outros.

2. PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA

A aplicação da fenomenologia à Psicopatologia enraiza-se essencialmente nas obras filosóficas de E. Husserl e de M. Heidegger. Estes fundamentos filosóficos foram descritos detalhadamente em diversos textos de base, entre os quais se destacam os de Lanteri-Laura (1963), Lyotard (1964) e Spiegelberg (1982). A abordagem fenomenológica em Psicopatologia originou uma pluralidade de pontos de vista, de que são exemplos as contribuições de K. Jaspers, E. Minkowski, L. Binswanger e von Gebattel, entre outros (Villegas, 1981).

Ellenberger (1958), ao diferenciar a psicopatologia fenomenológica da Daseinanalyse de Binswanger, propôs a diferenciação entre três *correntes*: (1) *A fenomenologia descritiva* (Jaspers, Mayer-Gross, Wyrsh); (2) *A fenomenologia genético-estrutural* (Minkowski, von Gebattel, E. Straus); (3) *A fenomenologia categorial* (a primeira fase de L. Binswanger, R. Kühn e Cargnello).

Do ponto de vista *histórico*, Jonckheere (1989) diferenciou claramente três períodos sucessivos.

Em primeiro lugar, a *psicopatologia fenomenológica descritiva* de Jaspers, Birnbaum e Rümke, período claramente dominado pela «Psicopatologia Geral» de Jaspers, publicada em 1913, na qual os fenómenos psicopatológicos são elaborados pelos métodos da fenomenologia e da psicopatologia compreensiva, destacando o carácter significativo do vivido. Aparece como obra inspiradora dos trabalhos de Kretschmer (1918), Birnbaum (1920), Kurt Schneider (1923), Mayer-Gross (1924), Rümke (1924) e Wyrsh (1937, 1949).

Em segundo lugar, a *psicopatologia genético-estrutural*, representada por E. Minkowski e a psiquiatria antropológica de von Gebattel, E. Straus, von Weizsäcker e H. Tellenbach.

Por último, a *psicopatologia fenomenológico-existencial* introduzida por L. Binswanger, primeiramente como fenomenologia categorial e, mais tarde, como *Daseinanalyse*, apoiada na psicanálise de Freud, no método fenomenológico de Husserl e na concepção do Homem de Heidegger e influenciando trabalhos ulteriores de M. Boss e R. Kuhn.

3. A FENOMENOLOGIA DE K. JASPERS

O ponto de vista de Karl Jaspers (1883-1969), qualificável de descritivo e próximo da psicologia empírica descritiva (Beauchesne, 1986) foi detalhadamente apresentado no livro «Psicopatologia Geral» de 1913, no qual a psicopatologia se ocupa das modalidades como os pacientes experimentam os fenómenos psicopatológicos, uma fenomenologia dos seus estados de consciência. Na sua abordagem quase exaustiva, Jaspers sistematizou: as *manifestações subjectivas da vida psíquica patológica* (fenomenologia), as *manifestações objectivas da vida psíquica patológica* (psicopatologia objectiva), as *relações compreensíveis* (psicopatologia compreensiva) e as *relações causais* (psicopatologia explicativa). Para Jaspers, a *fenomenologia* é o domínio das vivências psíquicas individuais, uma psicopatologia descritiva das manifestações da consciência. O importante seria «exercer a visão pregnante do que é vivido directamente pelo doente... delimitar e distinguir da forma mais precisa possível e designar em termos fixos os estados psíquicos que os doentes vivenciam.» (Jaspers, 1928). Na impossibilidade de abordar todos os aspectos significativos da obra de Jaspers, referimos apenas alguns pontos nodais: compreender e explicar; descrever e compreender; processo, desenvolvimento e reacção.

Jaspers diferenciou entre *conexões significativas intrapsíquicas* (que seria necessário *compreender* como conexões de sentido) e *conexões causais* entre os acontecimentos intra e extrapsíquicos (que é necessário *explicar*). Assim: *Compreender* ligar-se-ia à causalidade psicológica, isto é, ao saber como é que o psíquico dá lugar ao psíquico. Trata-se de compreender por *co-penetração* afectiva na psique do outro, de entender através dos movimentos expressivos, das produções verbais e dos actos *como* um

estado mental é vivido e dá lugar a outro. *Explicar*, ligar-se-ia à causalidade científico-natural, isto é, à ligação objectiva de diversos factos ou em leis regulares, investigando as correlações entre os fenómenos psíquicos e a sua base estrutural. Trata-se aqui de vincular o psíquico ao físico, desligando-se do pessoal-biográfico.

Ou seja: *compreendem-se* as conexões de sentido e *explicam-se* as conexões causais.

Diferenciando entre *descrever* e *compreender*, Jaspers conceptualizou que *descrever* se refere a fazer uma descrição do que é apreendido intuitivamente sob a forma de realidades subjectivas da vida psíquica efectivamente vivenciadas (a fenomenologia) e, também, o que é possível apreender objectivamente sob a forma de rendimentos (apreensão, memória, trabalho e inteligência). Por outro lado, *compreender* é representar interiormente a vivência autodescrita pelo paciente, que poderá ser *compreensão estática* ou fenomenologia das diversas qualidades e estados psíquicos individuais tal como aconteceu e são dados, e *compreensão dinâmica* ou *genética*, a das emergências dos acontecimentos psíquicos. Em síntese: a compreensão estática permitiria a *descrição fenomenológica* ou descrição da experiência vivida em determinado momento, sem ter em conta as suas causas e conseqüências e, por seu turno, a compreensão genética permitiria a *descrição dinâmica* ou apreensão dos fenómenos vividos nas suas relações internas no tempo e estabelecendo a relação de sentido entre as diversas vivências.

A abordagem que Jaspers fez da Psicopatologia envolveu o estudo diferenciado dos *fenómenos vividos* (as vivências), dos *rendimentos*, dos *fenómenos somáticos concomitantes e das objectividades psíquicas do sentido* (expressão corporal, actividade no mundo e produções artísticas). Em particular, nos fenómenos vividos abordou a consciência do objecto (com destaque para as alucinações e pseudo-alucinações), as alterações das vivências do espaço e do tempo, da consciência da realidade (com destaque para o delírio e vivências delirantes primárias) e, ainda, dos sentimentos e estados de ânimo, impulsos, vontade, fenómenos reflexivos e consciência do Eu.

Finalmente, Jaspers introduziu três *conceitos-chave*, que emergiram do método compreen-

sivo: (1) O *processo*, como interrupção da continuidade histórico-vital, «algo totalmente novo que se apresenta por efeito duma transformação profunda da actividade anímica» (Jaspers, 1972), que seria totalmente incompreensível geneticamente: o *processo psicótico* torna a personalidade delirante; (2) O *desenvolvimento*, uma continuidade compreensível que prolonga de forma clara a personalidade e que «tem crescimento e desenvolvimento em conformidade... destino compreensível face à biografia e configuração de sintomas em conformidade com a maneira de ser» (Jaspers, 1972): a personalidade *desenvolve-se* de forma delirante como na paranóia; (3) A *reação*, enquanto resposta incompreensível a acontecimentos vitais ou vivências anteriores.

Influenciado por Husserl, em 1912 já Jaspers tinha publicado «A Orientação da Investigação Fenomenológica em Psicologia», mas é a sua «Psicopatologia Geral», publicada em 1913 e sucessivamente reeditada, que consubstancia a totalidade do pensamento psicopatológico. Também filósofo, Jaspers trabalhou a dimensão da razão e da existência e evidenciou que esta última só poderia ser iluminada e nunca apreendida conceptualmente, já que não poderia ser reduzida por completo a um objecto do pensamento.

3. A DASEINANALYSE DE L. BINSWANGER

Ludwig Binswanger (1881-1966), mais impregnado de referências filosóficas, particularmente de Heidegger, tornou-se especialmente conhecido pelos seus trabalhos sobre a esquizofrenia, a mania e a melancolia. Introduziu a *Daseinanalyse*, «uma atitude que parte da compreensão do Homem em situação»... «trabalho de actualização do ser do Homem em todas as suas formas e todos os seus mundos» (Binswanger, 1971).

A análise psicopatológica que propôs foi uma *análise empírico-fenomenológica dos modos e formas da existência perturbada*, centrada na estrutura do Dasein, com a finalidade de explicar e descrever a totalidade do ser psíquico do Homem perturbado. Trata-se, essencialmente, de uma abordagem dos estados psicopatológicos enquanto modos de existência frustrada, *tomando como pontos de partida as categorias da Psicopatologia*.

Numa primeira fase, antes de 1927 e sob a influência da obra filosófica de Husserl, desenvolveu uma *fenomenologia categorial* com o objectivo de revelar as alterações das categorias existenciais do Dasein como eixo de uma análise estrutural do que denominou os *daseins* psiquiátricos. Ou seja, centrando-se nas determinações constitutivas da existência (os existenciais corporalidade, temporalidade, espacialidade e outros), procurou investigar como o Dasein se projecta no mundo. A grande finalidade destas análises fenomenológicas seria a da reconstrução do mundo interior da experiência do paciente, para elucidar a estrutura pessoal do mundo individual que, todavia, ainda não permitiria compreender o significado da sua existência.

Mais tarde, particularmente influenciado pela obra filosófica de Heidegger, L. Binswanger desenvolveu um *método analítico-existencial* ou *Daseinanalyse*, que questiona a existência e procura fazer a reconstrução do seu desenvolvimento, através da investigação biográfica. Síntese da Psicanálise, da Fenomenologia e do Existencialismo, a *Daseinanalyse* apareceu como uma análise fenomenológica das formas de existência, pré-definidas a partir das diversas categorias psicopatológicas: *dasein melancólico*, *dasein esquizofrénico*, etc. Evidenciou a doença mental como um modo de existência, que teria que revelar a intervenção do próprio Homem, mas que realizaria uma redução da sua capacidade de viver e de conhecer. Considerou a existência como *estrutura total* que abarca a continuidade do sujeito e as suas relações com o outro, as estruturas sociais e as coisas. A elaboração do Eu far-se-ia pela coordenação da experiência vivida actual com o encadeamento das experiências vividas anteriores (ou biografia interna). Quis realçar a análise da existência total do paciente no seu estar-no-mundo e tentou captar as estruturas básicas e significados essenciais, por intermédio de uma atitude intuitivo-reflexiva que visava o Homem em si-mesmo.

Com a *Daseinanalyse* de Binswanger, a psicopatologia apareceu como *inflexão da estrutura do Dasein*, um desvio ou alteração em relação à norma ontológica do Dasein, um *extravio* da realização ontológica que o tornaria opaco para si mesmo. Através da análise dos casos Ilse, Ellenwest e Lola Voss, evidenciou o carácter de res-

trição/limitação na psicopatologia, que emergiria no que denominou *tematização da existência*, ou seja, quando uma só categoria do Dasein serve de «fio condutor» ao projecto *de mundo*. Para Binswanger, a tematização da existência implicaria uma tarefa terapêutica de reconstrução da experiência, que envolveria a investigação metódica da biografia interna (onde apareceria uma nova forma de comunicação/reconstituição mental das vivências) e uma penetração na estrutura da existência do paciente, para reconduzir à totalidade ou pluridimensionalidade do Dasein.

Para Binswanger, o método de análise psicopatológica foi a Daseinanalyse, mas a técnica terapêutica que propunha era ainda a psicanalítica.

A difusão e a compreensão da psicopatologia fenomenológica foram dificultadas pela linguagem filosófica dos seus autores, particularmente fora dos países de língua alemã. No entanto, pela sua importância, é de destacar a fenomenologia de E. Minkowski que, por exemplo, conceptualizou o transtorno fundamental da esquizofrenia como *perda de contacto vital com a realidade*, desenvolveu a noção de *tempo vivido* e da sua importância em vários estados psicopatológicos, com destaque para a melancolia, conceptualizada como doença do tempo. Mais tarde apareceram outras obras importantes em língua francesa, nomeadamente a «Fenomenologia das Psicoses» de Tatossian (1979) e «Fenomenologia, Psiquiatria e Psicanálise» de P. Fedida (1986). Juntamente com J. Schotte, este último autor editou em 1981 um conjunto vasto de textos intitulado «Psiquiatria e Existência», correspondentes a um importante colóquio realizado em Cerisy (França), em 1989, que constituiu uma reflexão profunda sobre as investigações mais actuais no campo da psicopatologia fenomenológica e que inclui trabalhos de A. Tatossian, R. Kuhn, H. Tellenbach, W. Blankenburg e Y. Pelicier, entre outros.

Finalmente, nos Estados Unidos da América, a Universidade de Duquesne tornou-se o principal centro de investigação em psicologia fenomenológica (Giorgi, 1966, 1971, 1983; von Eckartsberg, 1971), editando «Journal of Phenomenological Psychology» desde 1971.

Em síntese, a *abordagem fenomenológica da*

Psicopatologia tem por finalidade a compreensão dos fenómenos psicopatológicos tal como são dados e vividos, e elucidar qual é a forma mesma do funcionamento mental do paciente, que dá conta da alteração da realização da experiência vivida e da qual emergem os sintomas.

Especificamente, a contribuição da Daseinanalyse deu lugar a uma *conceptualização psicopatológica* dos modos de estar-doente (Boss & Condrau, 1975):

– Estar-doente caracterizado por *afecção evidente do corporal do existir*, de que podem ser exemplos uma fractura da perna, uma paralisia histérica e uma demência pós-traumática que, em comum, têm uma afectação da possibilidade de corporalizar uma certa relação com o mundo

– Estar-doente caracterizado por uma afectação pronunciada da espacialidade

– Estar-doente constituído por *obstáculos importantes à realização da disposição do humor própria à essência da pessoa*, onde se destacam as psicoses afectivas e outros distúrbios afectivos, nomeadamente depressivos

– Estar-doente constituídos por *obstáculos importantes à realização do ser-aberto e da liberdade*, envolvendo sobretudo as psicoses esquizofrénicas. Assim, o modo de estar-doente esquizofrénico aparece como uma manifestação da privação extrema que consiste em não-poder ser de forma livre e autónoma. No entanto, também nos neuróticos obsessivos há afectação da liberdade e da abertura do existir, de forma menos intensa, particularmente porque são constringidos a manterem-se rigorosamente à distância das coisas e a protegerem-se: a existência é aqui uma luta constante contra as ameaças de um universo impuro e corrompido.

Finalmente, para uma melhor compreensão dos modos de estar-doente, convém referir que a abordagem fenomenológica da psicopatologia é indiferente à distinção entre normal e patológico, uma vez que o método fenomenológico suspende qualquer tese de valor e, portanto, de normatividade (Tatossian, 1990): esta indiferença é compreensível na medida em que a fenomenologia encara os modos de estar-doente como possibilidades humanas universais. O acento tónico no interior do sujeito, na existência ou ausência do poder de aplicar ou não a norma que é a sua. Ou

seja, a perturbação começa quando há limitação à liberdade, quando o sujeito deixa de poder adotar outras modalidades comportamentais.

BIBLIOGRAFIA

- Bachelor, A. & Joshi, P. (1986). *La Méthode Phénoménologique de Recherche en Psychologie. Guide Pratique*. Ste-Foy: Les Presses de l'Université Laval.
- Beauchesne, H. (1986). *Histoire de la Psychopathologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Binswanger, L. (1971). *Introduction à l'Analyse Existentielle*. Paris: Editions de Minuit.
- Boss, M. & Condreau, G. (1975). Analyse Existentielle (Daseinanalyse). In *Encyclopédie Médico-Chirurgicale (Psychiatrie)*, 37815, A10, 1-6, Paris.
- Carvalho Teixeira, J.A. (1988). A posição fenomenológica em Psicologia e Psiquiatria. *Psiquiatria Clínica*, 9(1): 33-43.
- Carvalho Teixeira, J.A. (1989). Psicopatologia Clínica do Adulto: Objectivos pedagógicos. *Análise Psicológica*, 1-2-3(VIII): 375-376.
- Carvalho Teixeira, J.A. (1991). A Psicopatologia Geral na Formação do Psicólogo. *Análise Psicológica*, 1(IX): 118-126.
- Ellenberger, H.F. (1958). A Clinical Introduction to Psychiatric Phenomenology and Existential Analysis. In *Existence* (R. May, Ed.), New York: Basic Books.
- Giorgi, A. (1966). Phenomenology and experimental psychology. Review of Existential Psychology and *Psychiatry*, 6: 37-50.
- Giorgi, A. (1971). Phenomenology and experimental psychology. In *Duquesne Studies in Phenomenological Psychology*, I (A. Giorgi, W.F. Fisher & R. von Eckartsberg, Eds.), pp: 6-16, Pittsburgh: Dupuesne University Press.
- Giorgi, A. (1983). Concerning the possibility of phenomenological research. *Journal of Phenomenological Psychology*, 14: 129-149.
- Ionescu, S. (1991). Psychopathologie phénoménologique. In *Quatorze Approches de la Psychopathologie* (S. Ionescu, Ed.), pp: 156-168, Poitiers: Nathan Université.
- Jaspers, K. (1928). *Psychopathologie Générale*. Paris: Librairie Félix Alcan.
- Jonckheere, P. (1989). Disparité et convergences. Esquisses des rapports historiques entre phénoménologie, analyse existentielle et psychiatrie. In *Phénoménologie et Analyse Existentielle* (P. Jonckheere, Ed.), pp: 11-31, Bruxelles: De Boeck-Wesmael.
- Lanteri-Laura, G. (1963). *La Psychiatrie Phénoménologique. Fondements philosophiques*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Lopes, G. (1982). Existential Psychotherapy. In *Progressos em Terapêutica Psiquiátrica* (Guimarães Lopes, Ed.), pp: 319-333, Porto: Hospital do Conde de Ferreira.
- Lopes, G. (1993). Fenomenologia. In *Clinica Psicopedagógica (Perspectiva da Antropologia Fenomenológica e Existencial)* (Guimarães Lopes, Ed.), pp: 23-47, Porto: Hospital do Conde de Ferreira.
- Liotard, J.-F. (1964). *La Phénoménologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Not, L. (1986). Trois approches à la notion de personne. In *Regards sur la Personne* (L. Not, Ed.), Toulouse: Université de Toulouse - Le Mirail.
- Spiegelberg, H. (1982). *Phenomenology in Psychology and Psychiatry*. Northwestern University Press.
- Tatossian, A. (1990). Classification Psychiatrique et Phénoménologie. *Revue Internationale de Psychopathologie*, 2: 271-289.
- Tellenbach, H. (1992). Analyse phénoménologique de la rencontre inter-humaine dans le Dasein normal et pathologique. In *Figures de la Subjectivité (Approches phénoménologiques et psychiatriques)* (J.J.F. Coutine, Ed.), pp: 109-118, Paris: Editions du CNRS.
- Villegas, M. (1991). Analisis Existencial: Cuestiones de Metodo. *Revista de Psiquiatria y Psicología Humanista*, 25: 55-70.
- Von Eckartsberg, R. (1871). On experiential methodology. In *Duquesne Studies in Phenomenological Psychology*, I (A. Giorgi, W.F. Fisher & R. Von Eckartsberg, Eds.), pp: 66-79, Pittsburg: Duquesne University Press.
- Yalom, I.D. (1984). *Psicoterapia Existencial*. Barcelona: Editorial Herder.

RESUMO

Nesta nota didáctica a finalidade é introduzir conceitos fundamentais sobre a abordagem fenomenológica em Psicopatologia. Após uma breve introdução sobre os pontos de convergência fundamentais entre as diferentes orientações fenomenológicas e existenciais, referem-se aspectos específicos da psicopatologia fenomenológica centrado-se na Fenomenologia de K. Jaspers e na Daseinanalyse de L. Binswanger.

ABSTRACT

The main goal of this paper is to review the groundwork of phenomenological psychopathology. After an introduction about the phenomenological-existential convergent topics, the author particularize with K. Jaspers' phenomenology L. Binswanger's Daseinanalyse.